# LEITURA LITERÁRIA: a magia de saber com sabor

Dulce Helena Pontes-Ribeiro[1]

**Resumo:** Comenta-se, neste estudo, sobre a leitura literária objetivando demonstrar as diversas maneiras de o professor sensibilizar os alunos para realizá-la. As recomendações ora mencionadas foram testadas em sala de aula por uma pesquisa de campo (parte de uma dissertação de mestrado da autora deste artigo). Sem discutir dados emanados da referida pesquisa, discorre-se sobre atitudes tomadas em sala de aula referentes ao texto literário, por já ter verificado que elas surtem resultados profícuos nessa investida. Adverte-se, como conclusão, que toda e qualquer tentativa nessa direção dependerá do envolvimento do professor para adaptar o que convier conforme a realidade instaurada no momento.

**Palavras-chave**: Aluno/Professor. Livro. Prazer do texto. Roland Barthes.

## Informações preliminares

Embrenhar-se pelo texto literário é sair da trivialidade cotidiana da linguagem e palmilhar por terrenos movediços e inusitados. É deparar-se com um modo surpreendente de ver e sentir muito do que o olhar humano banaliza em seu entorno. Passar essa experiência ao outro, com sucesso, é tarefa que requer certo tato. Nesse sentido, o estudo em pauta (cujo *objeto* de estudo é o prazer do texto literário) procura responder à seguinte *questão-problema*: de que modo um professor de língua portuguesa da educação básica pode trabalhar em suas aulas com vista a encaminhar sua turma à apreciação prazerosa de textos literários? Para tanto, traça-se este *objetivo*: demonstrar meios de sensibilizar a turma envolvendo-a na arte literária. No empenho de se alcançar tal objetivo, emergiram algumas *questões de estudo*, quais sejam: quais as relações da leitura literária com o prazer de ler? Quais as vantagens do envolvimento do aluno com a literatura literária? O arcabouço teórico desta investigação tem como pilar o escritor francês Roland Barthes, pelo que leciona em sua obra O prazer do texto.

## 1 Sob a perspectiva exclusiva do prazer

A diversidade de leitura é sempre vantajosa ao leitor, mas a que se coloca em pauta por ora nesta discussão é a literária, realizada no envolvimento do prazer; aquela que extrapola o espaço limitado do cotidiano e impele o leitor a alçar voos da imaginação;

[1] Graduada em Letras (FAFITA). Pós-graduada lato sensu em Língua Portuguesa (FAFITA). Mestre em Educação Universidade Católica de Petrópolis. Doutora em Letras – Área de concentração: Língua Portuguesa (UERJ). Atualmente professora de Latim e Linguística no curso de Letras do Centro Universitário São José. E-mail: dulcehpontes@gmail.com.

a que ultrapassa o trivial, alimenta-se do inusitado, apodera-se de encantadoras proezas, leva o pensamento ao gozo e o torna copiosos eflúvios. Com efeito, “na leitura, o Desejo não pode ser desligado” porque nela há “um erotismo”. E assim, “o leitor tem, com o texto lido, uma relação fetichista; sente prazer com as palavras, com certas palavras, com certos arranjos de palavras; desenham-se no texto praias, ilhas em cujo fascínio o sujeito se abisma, se perde [...]” (BARTHES, 1984, p. 34-35). O leitor então transcende limites. Nas entrelinhas do texto, ele se envolve, age criando, trabalha os sentidos (segundo o apelo das mensagens), mobiliza o corpo e o espírito, em busca do querer mais, do prazer do domínio. Diante da multiplicidade não linear dos sentidos que o texto possibilita, significados são constituídos, formando liames entre o indivíduo e a sociedade, ocorrendo uma gama de transformações linguísticas no leitor. Conforme Nunes,

> A leitura é em si um acontecimento em que a língua se transforma: as significações são abaladas; as relações entre as palavras, entre as frases, se modificam; os mesmos segmentos lidos novamente trazem novos sentidos. A noção de leitura supõe, pois, a ação do pensamento e seus efeitos sobre a própria língua (NUNES, 1994, p. 16).

Enredado no texto, o leitor sai do estado de monotonia cotidiana para embarcar no fascínio da trama simbólica do texto, manipula palavras espraiadas de modo original, acaricia-as, sente-as um ser vivo admirável, mui amado, repleto de significados – sensações que podem instigar o leitor à compreensão crítica da realidade, pode fazê-lo transitar do mundo virtual para o real. Usufruindo essa leitura, o leitor se torna ativo, apossa-se do texto que já não é mais a obra do autor, mas do leitor que a reelabora no ato de ler, guiando-a a distintos sentidos, entremeando-a de inumeráveis saberes. Assim, a leitura ganha nova vida com esse tipo de leitor, o leitor proficiente, que com o texto dialoga e o intertextualiza, enriquece-o com suas contribuições. Em recompensa de seu trabalho, ao ler, ele se abastece de saberes, consubstanciando-se numa troca que o conduz à conexão a outras leituras. Nessa diligência, muitas vezes ele relê certos trechos, não mecanicamente, mas para viver, nutrir-se, deleitar-se, com liberdade de parar temporariamente a leitura não por cansaço ou desinteresse, mas sim para navegar nas ideias; retornar à leitura e abastecer-se para novas aventuras – situação que leva Roland Barthes a dizer que “A leitura foi muitas vezes comparada à alimentação. Um texto conforme nossa fome e nossa disposição momentânea, a gente engole, devora, mastiga, saboreia. Ler é pastar...” (BARTHES, 1999, p. 13).

Imergir-se assim na leitura é vivê-la nas implicações possibilitadas pelo texto que se

alia à leitura de mundo e à experiência de vida do leitor. Pela virtualidade da leitura literária, o leitor cresce, pois aprende a solucionar problemas, ajustando seu conhecimento prévio à questão instaurada na urdidura do texto. Nessa circunstância, seu pensamento é ativado, sua tensão é alternada a momentos de fruição e relaxamento. E o leitor se arremessa como sujeito que melhor entende a si próprio, ao outro, ao mundo, porque a leitura é também compreensão. Não é só o desvelar da trama textual pelo processo da intelecção: é imergir nele para dele extrair as riquezas que às vezes o próprio autor desconhece; é preciso inferir, captar o não dito explicitamente, mas perscrutado nas pistas que o texto possibilita, pela associação aos saberes do leitor em função do contexto. Essa atitude extrapola o racional e atinge o emocional.

Satisfaz ao leitor conectar o texto às próprias lembranças – sua história de vida – num laço fantástico, num jogo ausente de conflitos, de perturbações, de renovação de significados, e enquanto se entrevê, entende a própria existência. Neste fabuloso despertar, emerge um sujeito diante do objeto-texto, que constrói sentidos e elabora imagens não impressas nas páginas do livro, mas que são “produto que resulta do complexo de signos do texto e dos atos de apreensão do leitor. O leitor não consegue mais se distanciar dessa interação” (ISER, 1996, p. 13). De fato, é melódico viajar pela literatura, na magia de seu oceano, cujo bramido é cantiga acalentadora de mensagens deleitosas mas às vezes lancinantes. Nessas ondas, enredam-se itinerários em abundância donde se extirpam respostas plurais para diversos questionamentos.

Na literatura faz-se o uso não utilitário da linguagem, a qual não se refere diretamente ao contexto de modo que a obra se efetiva de modo singular: mais pela feição conotativa, plurissignificativa de composição; por ela, a manifestação do mundo não se dá com todos os seus contornos; seus hiatos são preenchidos no momento em que o leitor, diante deles, aciona seus imaginários, suas experiências, visão de mundo e preenche esses vãos de forma bem pessoal, atualizando o passado no ato da leitura, mobilizando de forma mais intensa as consciências, desvencilhando-se das amarras cotidianas. Essa forma participativa do leitor fornece ao texto uma gama de informações mais abrangente pela reflexão que exige nessa reconstrução. Na decodificação do conteúdo, o leitor descobre

lugares, depara-se com manifestações socioculturais distintas, quer no tempo quer no espaço. E nesse envolvimento, ele tece um universo macro, nos âmbitos denotativo e conotativo, instituindo vinculações entre si próprio e a humanidade, uma textura cujos fios tecem leitura a demais artes:cinema, música, pintura, esporte, dança, moda, tevê, jornais, teatro, falas... múltiplas e mescladas vozes. Como o tempo não corrói a tessitura artística, a leitura literária à medida que atravessa gerações opera o fenômeno sagaz da comunicação.

É verdadeiramente no ato de ler que o texto vive, colore-se, matiza-se com o leitor que vivencia situações virtuais às vezes muito similares às do mundo real. Enquanto a mídia televisiva e demais meios de comunicação de massa lhe dá um mundo pronto com uma avalanche de representações, no mundo da leitura literária o leitor constrói paulatinamente em sua mente as situações, as imagens. Desse modo, ele, além de leitor é autor uma vez que elabora no ato de ler um novo mundo, reflexo de sua consciência, ao mesmo tempo, receptora e participativa. Há nesse labor uma relação dialógica e interativa entre texto e leitor, que instaura um cenário de sentidos, pois “os textos literários não se esgotam na denotação de objetivos empiricamente dados, a representação por eles intencionada visa ao não dado” (ISER, 1996, p. 101).

O prazer de ler é cambiante e múltiplo. Como num magnetismo, as palavras e seus arranjos divertem o leitor, dançam harmoniosamente entre si; na sedução do ritmo, deliciam o espírito. Nessa cadência extasiante, o leitor alça voos de contemplação com a linguagem verbal. Por seu turno, o enredo o instiga ao desvelamento das tramas de tal modo que a curiosidade o impele para o prosseguimento da leitura. Costuma-se instaurar-se aí um impasse: saborear o aparato dos signos, ou galopar rumo ao epílogo misterioso resultante da urdidura?

Para Machado (1999, p. 93), “o texto literário consegue ser subversivo e libertário”; para Roland Barthes (1999, p. 25), “ele não é senão a lista aberta dos fogos da linguagem (esses fogos vivos, essas luzes intermitentes, esses traços vagabundos dispostos no texto [...]”. Para Pontes-Ribeiro (2000, p. 28), ler é “viajar apreciando paisagens, explorando o desconhecido, com grandes chances de não se viver mais sem esse prazer repleto de fecundidade, de

seiva, de vida". Ler é "garantia de liberdade do leitor, de autonomia". Ser maquinista, motorista, piloto, enfim condutor da direção, que tanto pode ir para a esquerda quanto para a direita, que tanto pode retroagir quanto avançar, que tanto pode parar, descansar quanto voltar ao mundo real e vivê-lo com mais segurança e criticidade. Leitura, poesia, ficção – total liberdade.

O prazer do texto é o momento mágico em que o corpo do leitor delira, mas sem que os outros o vejam e por isso sem condição de avaliarem o grau desse desejo porque nem sempre o corpo se mostra, nem sempre se deixa extravasar e transparecer o prazer. E assim, o leitor que, aparentemente sai do mundo, para o mundo é impelido; não pelo que está escrito no texto, mas pelo que este suscitou; muitas vezes exatamente por aquilo que ele não diz. São rasgos, janelas, através das quais o leitor ativo entra sem pedir licença para apreciar um panorama sempre novo. Nessa lida, ele amadurece: enquanto se esvazia de (pré)conceitos, inversamente, impregna-se de saberes e neles se mistura e se tece unindo dito e não dito, tornando-se uma nova pessoa, agora, mais fecunda.

E, principalmente no que se refere ao não dito, lê-se em Morais (1996, p. 111): "'Ler nas entrelinhas' é inferir algo que não está escrito a partir do que está escrito. A habilidade do que está em jogo aqui ultrapassa o escrito para chegar à intenção". Tal afirmação condiz com esta de Castoriadis (1982, p. 167) ao interpretar Lévi-Strauss: "É impossível sustentar que o sentido é simplesmente o que resulta da combinação dos signos". De forma figurada, Barthes (1999) compara o leitor a uma aranha. À medida que tece, segrega a substância, e com esta tece a teia. É o leitor que, lendo, projeta sobre o texto seu conhecimento de mundo, tecendo seus saberes, sua invidualidade com a leitura:

> Texto quer dizer Tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolve ela mesma nas secreções construtivas de sua teia (BARTHES, 1999, p. 82-83).

O fascínio da leitura excede a denotação do signo linguístico, convertendo-se numa figuratização, um passeio pela metáfora e pela alegoria; alcança-se o êxtase, atinge-se o riso e o pranto, a sublimação e o exorcismo. A palavra que adentra é assimilada, metamorfoseada em insólitas imagens, em criações e transfigurações. Do texto ao leitor, há um trânsito entre o pensar e o repensar da vida – a experiência de uma existência virtual. O texto já não é tão somente a representação da ideologia do autor, ele se transborda em potencialidades criadoras configurando-se em novas significações, formando outras imagens e pensamentos de sentidos plurais. E assim, digerindo a tessitura e dela participando, decompondo-a e reconstruindo-a, já não se é mais a mesma pessoa, que então está prenha de sentidos; não se é, pois, um simples leitor, e sim um leitor-autor.

Em suma: "O ato de imaginação é um ato mágico." (Jean Paul Sartre, apud POSTIC, 1993, p. 13); é um momento de fruição, de deleite, "nossa viagem imaginária alimenta-se de nossas esperanças ocultas, escondidas há muito, sempre latentes, prontas a germinar ao mínimo chamado" (POSTIC, 1993, p. 15). Imerso nas imagens e fantasias e governando-as se atinge a criação. A propósito, é inconcebível se criar algo sem antes tê-lo imaginado, sem que previamente o tenha fantasiado e com ele sonhado. Ler é, portanto, um trajeto para tal conquista.

**Recomendações**

Registram-se aqui algumas práticas já experienciadas pela autora deste texto que podem auxiliar o docente em suas atividades de leitura com os alunos.

> No caso de uma escola parca de livros (o que é lamentável), pode-se fazer uma campanha no estilo de gincana para que os próprios alunos lutem na obtenção dos volumes. Outra maneira também é criar o clubinho do livro. Cada aluno traz pelo menos um livro. Numa turma de 30 alunos, haverá no mínimo 30 livros. Estes serão catalogados pelo professor que emprestará aos alunos, os quais assinarão no caderno de controle e terão

> uma data para devolvê-lo. Cada aluno terá chance de ler pelo menos 30 livros no ano (PONTES-RIBEIRO, 2000, p. 115).

Para o feedback da leitura, o docente deve sempre registrar o empréstimo e a devolução do livro. Na entrega do tomo, convém se fazer breve questionamento ao aluno, diante da turma, sobre a leitura feita. As observações ora registradas têm grandes chances de impelir os colegas a lerem o volume comentado. A todo momento o docente precisa manifestar interesse pela leitura que o aluno está fazendo, aplaudir a atitude dele, reconhecer o seu progresso; e, se houver fracasso, tentar compreender para ajudá-lo.

Propõe-se que a leitura literária não seja obrigação – o que não combina com prazer. Para despertar o desejo pela leitura, os livros deverão estar permanentemente à disposição dos alunos, isto é, na sala de aula para que o aluno possa escolher o que vai ler. Costuma haver um ou outro aluno que não toma qualquer livro, o que não pode passar despercebido pelo docente. Nesse caso, deve investigar quais os gostos desse não leitor e, com muito tato, apresentar-lhe outras leituras ou até mesmo um livro menor em termos de quantidade de páginas, com letras maiores, enfim de modo a suscitar o mínimo interesse, pelo menos. Quem sabe uma poesia ou uma crônica poderiam agradá-lo?

É importante também habituar o aluno a frequentar a biblioteca e também levar livros para a sala em todas as aulas quando não se tem aí um cantinho específico para tal. Os volumes devem estar dispostos de modo a facilitar o manuseio deles sem a intervenção do professor para que o aluno se aposse do que o afetar. Se solicitado, o docente deve opinar/sugerir, principalmente com obras/autores de seu conhecimento, mantendo-se na condição mediador entre aluno e livro. Vez ou outra, deve tomar um dos livros, “ler a orelha, a capa, ou onde houver algum resumo para motivar o aluno a lê-lo” (PONTES-RIBEIRO, 2000, p. 115). É importante que o docente esteja permanentemente comprometido nesta atividade, sondando o que há de mais cativante para dispor ao acesso da turma, comentando dados interessantes, mas sem manifestar obrigatoriedade nessa atividade.

> Uma atividade que dá resultado é o professor ler em voz alta para a turma o início de um livro e parar num trecho bem

> interessante que suscita a curiosidade sobre o "depois". Fechar o livro e esperar a reação da turma. O professor, então, pede que eles reflitam, imaginem como será o desenrolar e o final da história. Todos registram seu texto, escrevendo-o. Depois o professor verifica qual deles se aproximou mais do texto original. Quem conseguir isso, leva o livro de presente, que deverá ser lido e emprestado a quem mais se interessar (PONTES-RIBEIRO, 2000, p. 116).

Pode-se modificar a atividade acima, simplesmente fechando-se o livro para ver se alguém se interessa por lê-lo. É comum um ou outro aluno se prontificar a isso. Outra proposta é ler o início e o final do livro e, em seguida, os alunos (individualmente ou em pequenos grupos) escreverão o desenvolvimento. Realizada a tarefa, apontar fragmentos coincidentes com o texto original, mas sem esclarecer detalhes, deixar algo em suspenso para instigar a curiosidade dos alunos sobre a leitura da obra.

Quando a turma já estiver lendo com mais fluência e regularidade, é conveniente incentivá-la à criação do "diário de leitura" para serem registrados dados significativos de cada leitura realizada: notas sobre o autor; trechos mais identificadores com o leitor, justificando-se o(s) porquê(s). O diário deve ser um material especial para seu autor: bem caprichado, tratado com amor, reverência, pois há possibilidades de ele espertar, em um ou outro aluno, alguma aptidão poética.

Nessa linha de orientação, adapta-se solicitar à turma a elaboração de um texto iniciando-se assim: "'Se eu fosse...', 'Quando leio...', 'Gosto de ler quando...', 'Leio mais quando...'" (PONTES-RIBEIRO, 2000, p. 116). O resultado dessa atividade funciona como redirecionamento do trabalho docente com vista a se amoldar mais ainda aos propósitos dos alunos. E, assim empenhado,

> É de suma importância que o professor consiga uma interação com os pais nessa sua tarefa de leitura. Numa reunião da escola, o professor pede um espaço para esclarecer seu trabalho e nesse momento argumenta sobre a necessidade de se chegarem juntos, que o empenho deles é crucial para o entusiasmo dos filhos. Sugere que os pais procurem saber qual livro o filho pegou na escola, mostrar certo interesse em lê-lo antes ou depois do filho. Isso dará origem a uma atmosfera literária e linguística no lar, agradará ao filho. Mas os pais não devem lê- lo a fim de fazer interrogatório, porém para discutir

> pontos de vista, dialogar com o filho. Sua participação, seu exemplo é decisivo.
>
> O professor deve sugerir aos pais para ir criando uma biblioteca particular em casa. Mesmo que durante muito tempo a quantidade de livros não passe de uma simples prateleira da estante, mas valorizar aquele cantinho. Sempre que chegar alguma visita, mostrar que aqueles são os livros que o filho já leu, mostrando-se orgulhoso disso (PONTES-RIBEIRO, 2000, p. 117).

Um expediente de resultado profícuo é levar à sala de aula um autor para discorrer sobre sua produção – possibilidade de despertar nos alunos a vontade de ler a obra. O autor (prosador ou poeta) pode ser da própria região. Interessante também é o docente junto com os alunos redigirem uma carta a um autor cuja obra tenha agradado à turma. “Cada aluno, de próprio punho, dá o seu recado, no decorrer da carta, inclusive que seja permitida a ilustração de desenhos para aqueles que quiserem. Provavelmente, o autor responderá, para grande satisfação da turma” (PONTES-RIBEIRO, 2000, p. 117).

Convém pontuar que ao docente não leitor trilhar por esse caminho é bastante espinhoso uma vez que a sua leitura é pré-requisito para a do aluno, caso contrário, aparatos metodológicos, sugestões de estratégias, prática experienciadas de outrem, provavelmente, serão difíceis de transcender à teoria. Cabe ao docente, carente dessa experiência, se esforçar para nela se inserir e, assim, aguçar seu senso crítico e sua sensibilidade leitora – pressupostos imprescindíveis à profissão do magistério.

## Remate inconcluso

A docência não é imediatista, é um transcurso cuja escalada é gradativa em sua progressão e que se dá mediante a aglutinação de empenho, reflexão, ação e estratégias, e não apenas com o assinar de decretos. Encurtar caminhos com atitudes reducionistas não funciona, mutila o saber, mascara o trabalho docente e emperra o desenvolvimento individual e da sociedade.

Neste artigo, não há receitas infalíveis. Todas vão depender do esforço do docente em adaptá-las a seus alunos e aplicá-las com entusiasmo. Não se tem aqui certezas, mas práticas que já deram certo num determinado momento de certa realidade e que podem ainda funcionar desde que uma nova certeza seja

procurada tendo em vista sempre outros referenciais emanados da malha da vida humana.

Afinal, o homem vive permanentemente imerso num mar de incertezas; por isso mesmo um modelo não basta. É necessário lançar-se no heterogêneo, plural, interdisciplinar, transversal; firmar relações, agregar fragmentos, sem perder a unidade; fazer a interseção entre as partes, atravessar. "Uma variedade de leituras pode fazer essa travessia. Isso é deveras complexo. A vida também é assim" (PONTES-RIBEIRO, 2000, p. 4).

**Referências:**

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 5. ed. (J. Guinsburg, trad). São Paulo: Perspectiva, 1999.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3. ed. (Guy Reynaud, trad.). São Paulo: Paz e Terra, 1982.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Vol. 1. (Johannes Kretschmer, trad.). São Paulo: Editora 34, 1986.

MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente**: Conversas sobre leitura e política. São Paulo: Ática, 1999.

MORAIS, José. **A arte de ler**. (Álvaro Lorencini, trad). São Paulo: Unesp, 1996.

NUNES, José Horta. **Formação do leitor brasileiro**: imaginário da leitura no Brasil colonial. Campinas: Unicamp, 1994.

PONTES-RIBEIRO, Dulce Helena. 2000, p. 21)

POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica**. (Estela dos Santos Abreu, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993